

a Caminho da Páscoa



Cinzas

Serra do Pilar, 26 Fevereiro 2020

Cinzas (depois da leitura dos poemas e depois de toda a assembleia ter “passado diante” das cinzas) - **Dá-me, Senhor, um coração puro!**

(todos sentados, a meia LUZ, ler-se-á o texto que segue:

Aquilo a que chamamos "cinza" já praticamente deixou de ter valor ou significado na cultura do nosso tempo.

No passado, não acontecia assim.

Nas culturas antigas, a Cinza era o que ficava do desastre, do incêndio das casas dos nossos avós, para mais cobertas de palha, ou das nossas cidades: Roma no séc. I, Londres no XVII, Paris há 2 anos atrás, Amazónia, Austrália e meio mundo ..., ainda não apagou...

"Eu sou apenas pó e cinza" (Gn 18,27), dizia Abraão ao seu Deus, e a cinza era o sinal do nada que sobrava do desastre (que podia ser o da própria vida do homem).

Na cultura religiosa de Israel, o penitente cobria a cabeça de cinza, em sinal de penitência, claro, mas também em sinal de que o homem é nada diante de Deus. “Tamar [filha de David] cobriu a cabeça de cinza e, deitando as mãos à cabeça, afastou-se aos gritos” (2 Sm 13,19); e Job disse assim: “Agora, Senhor, faço penitência cobrindo-me de pó e cinza”! (Jb 42,6)

Há muita cinza no AT.

Job, depois de perder os seus bens, os gados e os filhos, depois de Satan o ter abandonado, já coberto de lepra “desde a planta dos pés até ao alto da cabeça”, “pegou num caco de telha [para se coçar] e sentou-se em cima de cinza” (Jb 2,8).

Depois de **Jonas** ter pregado penitência em Nínive, o rei “levantou-se do trono, tirou o manto, cobriu-se de saco e sentou-se sobre a cinza” (Jn 3,6).

Esta cinza é sinal da condição do homem — recordada na célebre expressão da Liturgia medieval, marcada já pelo pessimismo do desgraçado séc. XIV: "Lembra-te, homem, que és pó e em pó te hás de tornar". Sinal de que "todos caminhamos para a mesma meta: todos saímos do pó e todos ao pó voltamos" (Ecle 3,20).

Mas, na cultura antiga, a cinza tinha também outros usos.

Antes de mais, a cinza era utilizada nas barreiras em que a minha avó e as lavadeiras **branqueavam as roupas**. Ferviam as cinzas dos vegetais em muita água e deitavam-nas — cinzas e água — sobre a roupa. Algum tempo depois, a roupa era metida em água limpa para abandonar as cinzas insolúveis. As cinzas libertavam carbonato de potássio ou carbonato de sódio, uma espécie de sabão que se dissolvia em água quente..., e esta mistura de água quente e cinza conseguia um efeito branqueador muito satisfatório que, ao tempo, a lixívia comercial chegava só às grandes cidades.

A cinza era ainda um **fertilizante da terra**..., uma espécie de adubo: «As cinzas vegetais, já pouco utilizadas na agricultura como adubo do solo, contêm cálcio, magnésio, fósforo e outros elementos que podem ter influência no desenvolvimento das plantas. Alguns deles elementos são micronutrientes essenciais para o desenvolvimento dos seres vivos».

Hoje, leva-nos ao “Lembra-te, homem, que és pó e em pó te hás de tornar”.

*(destapa-se a lenha queimada,
as pessoas passam diante dela.
podem parar um pouco...;*

*ambas as poesias serão lidas separadamente,
uma de cada vez...
mas não imediatamente antes
nem no fim.
...no interior...)*

Quando

Quando o meu corpo apodrecer e eu for morta
Continuará o jardim, o céu e o mar,
E como hoje igualmente hão de bailar
As quatro estações à minha porta.

Outros em Abril passarão no pomar
Em que eu tantas vezes passei,
Haverá longos poentes sobre o mar,
Outros amarão as coisas que eu amei.

Será o mesmo brilho, a mesma festa,
Será o mesmo jardim, a minha porta,
E os cabelos doirados da floresta,
Como se eu não estivesse morta.

(Sophia de Mello – *Dia do Mar*, 2019)

(sem título)

Depois da cinza morta nestes dias,
Quando o vazio branco destas noites
Se gastar, quando a névoa deste instante
Sem forma, sem imagem, sem caminhos,
Se dissolver, cumprindo o seu tormento,
A terra emergirá pura do mar
De lágrimas sem fim onde me invento.

(Sophia de Mello – *Coral*, 1950)

Dá-me, Senhor, um coração puro!

Dá-me de novo a alegria e o som da festa
e voltarão a dançar os ossos que trituraste.
Afasta o teu rosto das minhas faltas
e apaga todo o meu mal!

Cria em mim, ó Deus, um coração puro,
restaura em mim um espírito renovado;
não me afastes para longe do teu rosto,
não retires de mim o teu espírito de santidade!

Oremos (...)

"O meu Povo
abandonou-me, a mim, fonte da água viva,
para cavar cisternas furadas
que não retêm a água",
queixavas-te, Senhor, pela boca do profeta (Jr 2,13).
"— Voltai, filhos rebeldes, e eu vos sararei!;
"—Aqui estamos, porque és o Senhor, nosso Deus" (3,22).
Está é, Senhor, a oração que te dirigimos,
por Jesus Cristo, na Unidade do Espírito Santo.

Âmen!